



Analfabetismo funcional: uma análise das estatísticas públicas e o ensino da matemática através dos jogos

Functional illiteracy: an analysis of public statistics the teaching of mathematics through games

Claudimara da Silva Pfiffer*
Raquel Furlanetto**

Palavras-chave: Educação Matemática. Analfabetismo funcional. Jogos.

Linha Temática: Educação Matemática.

Analfabetismo Funcional atualmente constitui-se como um problema severo e silencioso, que está relacionada ao fato do indivíduo saber ler, contar, escrever frases simples, mas não é capaz de interpretá-los com facilidade, onde envolve basicamente as áreas da Linguagem e Matemática. Identificam-se diversas formas para se classificar o Analfabeto Funcional, sendo que para UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura), é o indivíduo com menos de quatro anos de estudo completos, ou seja, são as pessoas que estão na escola ou até mesmo já formados que não conseguem expor sua compreensão frente a textos curtos ou entender as quatro operações básicas, necessárias para assimilar a Matemática. Conforme os estudos realizados por Toledo (2015), estamos em uma sociedade letrada, em que o indivíduo que não domina a linguagem escrita estará em uma situação delicada para sua inserção em diversas atividades culturais que são valorizadas pela mesma.

Essas dificuldades, presentes dentro e fora das salas de aula, estão relacionadas à questão do letramento ou do alfabetismo funcional que, segundo estudos recentes, refere-se às habilidades de leitura e escrita de textos em diferentes gêneros e funções sociais. Ou seja, a criança e o adolescente aprendem as letras, as sílabas e as palavras no processo inicial de alfabetização, mas não conseguem aprender a fazer uso da palavra escrita de maneira significativa e criativa em seu cotidiano. (TOLEDO, 2015, p. 14)



Partindo desses pressupostos, podemos analisar que existe um grande sentimento de impotência perante o comportamento destes jovens, pois essas desvantagens influenciam diretamente no nível salarial, conseqüentemente em sua qualidade de vida, restringindo oportunidades por melhores empregos. Necessitamos fazer um esforço maior que o atual, a fim de melhorar as aprendizagens envolvidas nos âmbitos da Leitura e extensões da Matemática.

Diversos institutos de estatística desenvolvem estudos para conhecer a condição de vida da população, bem como as características educacionais. Dentre estas análises, percebe-se que a taxa de analfabetismo entre jovens e adultos ainda são elevadas, pois grande parte destes conclui seus estudos nas condições de analfabeto funcional. A preocupação, segundo dados do INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, p. 6-7, 2015) vem a ser: “[...] o nosso número de analfabetos salta para mais de 30 milhões de brasileiros, considerando a população de 15 anos ou mais”. O Plano Nacional de Educação (2014, p.10) apresenta vinte metas que compromete uma educação de mais qualidade e um dos caminhos para melhorar a desigualdade educacional no país. As metas elaboradas fazem uma consideração as diversidades, a inclusão, direitos humanos, entre outros, mais especificamente a meta nove, indica: “erradicar o analfabetismo absoluto e reduzir em 50% (cinquenta por cento) a taxa de analfabetismo funcional”. Ainda de acordo com a escala do Instituto de Analfabetismo Funcional, (2015), onde analisou indicações para estabelecer parâmetros ao nível de alfabetismo entre a população brasileira entre 15 à 64 anos, em parceria com o Instituto Paulo Montenegro e a ONG Ação Educativa, passou de quatro níveis para cinco, dentre eles citam-se: Analfabeto, Rudimentar, Funcionalmente, Elementar, Intermediário e Proficiente, na qual aperceberam-se das diferenças entre os analfabetos funcionais. Consta-se as relações entre alfabetismo e escolaridade, indicadores apontam que 34% do grupo elementar da distribuição da população pesquisada, classificam-se como analfabetos funcionais.



Dentro destas perspectivas encontradas, questiona-se: por que esses jovens não se matriculam ou acabam desistindo de estudar prematuramente? Mais do que resolver o problema da decadência nas matrículas, seria necessário investir em propostas pedagógicas mais encantadoras e desafiadoras, que correspondam com a realidade destes jovens. Nesse sentido, um dos recursos que poderá auxiliar o professor em sala de aula, seria a aplicação de jogos matemáticos. Pifffer (2014, p. 80) aponta algumas possibilidades pedagógicas que o uso de jogos que contribuem para o ensino da matemática: “[...] realizar cálculo mental; rever o limite; controlar a ansiedade; desenvolver a linguagem, a organização espacial e a concentração; superar frustrações causadas pelo erro; desenvolver a autonomia e o cumprimento de regras, bem como promover a interação entre os estudantes”. Neste caso, as possibilidades pedagógicas corroboram com as reflexões para a aprendizagem matemática. As análises apresentadas neste trabalho visaram estabelecer um paralelo entre os princípios e pressupostos das pesquisas de órgãos políticos nacionais atuais e os ensinamentos da matemática através dos jogos, permitindo trabalhar com diversas aprendizagens, como conciliar interesses e enfrentar dificuldades.

Referências:

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, INEP. **Mapa do Analfabetismo no Brasil**. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/documents/186968/485745/Mapa+do+analfabetismo+no+Brasil/a53ac9ee-c0c0-4727-b216-035c65c45e1b?version=1.3> > Acesso em 21 de setembro de 2017.

PIFFFER, Claudimara da Silva. **Jogos com conteúdos matemáticos para os anos finais do ensino fundamental**. Blumenau, 2014. Originalmente apresentada como dissertação de mestrado, Fundação Universidade Regional de Blumenau, 2014.

Plano Nacional da Educação, PNE. **Planejando a próxima década**. Disponível em: <http://pne.mec.gov.br/images/pdf/pne_conhecendo_20_metas.pdf> Acesso em 20 de setembro de 2017.

TOLEDO, Lucinéia Silveira. **Adolescentes em situação de analfabetismo funcional: contribuições da psicanálise**. Belo Horizonte, 2015. Originalmente apresentada como tese de doutorado, Universidade Federal de Minas Gerais, 2015.